

Existem diferentes perspectivas teóricas na compreensão sobre o papel das mães em famílias incestuosas. Algumas pesquisas evidenciam as atitudes protetivas maternas, salientando que geralmente são as mães quem denunciam a situação abusiva e assumem os cuidados com a vítima após a revelação. Por outro lado, outros estudos concluem que elas têm uma participação ativa na dinâmica do incesto, mostrando-se ausentes e passivas, negando as evidências do abuso que ocorre no próprio lar, ou até mesmo sendo coniventes com o abusador. Partindo dessas considerações, o presente trabalho teve como objetivo ampliar a compreensão sobre o papel da mãe de vítimas de incesto, dando voz a essas mulheres para que narrassem sua história de vida e sua relação com o abusador e os filhos. A pesquisa foi realizada com três mães de vítimas de incesto. As mães tinham entre 34 e 44 anos e as filhas vítimas do abuso, entre 10 e 18 anos. Em dois casos, o abuso foi exercido pelo pai biológico e em um, pelo pai adotivo. As mães, residentes em uma cidade do interior do Estado, foram encaminhadas para participar da pesquisa através de um serviço de proteção a vítimas de violência. Foi utilizado o delineamento de Estudo de Casos Múltiplos, visando uma análise em profundidade da percepção das mães sobre o papel que desempenharam nas famílias incestuosas. Foram utilizados como instrumentos a entrevista semi-estruturada, o genograma e o Teste de Apercepção Temática (TAT). Com base nos resultados, são discutidos aspectos da história familiar dessas mulheres, em que a violência esteve presente de diversas maneiras, além de experiências que não propiciaram a convivência com modelos de identificação saudáveis. As mulheres se descreveram como dependentes dos companheiros e demonstraram dificuldade em romper com eles. São salientadas características como a ambivalência das mães, que se colocaram como protetoras por ocasião da denúncia, porém se omitiram quando identificaram indícios da situação abusiva.